

---

# HISTÓRIA DA ALDEIA KUNANÃ<sup>1</sup>

Fátima Vidal<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Para elaboração deste artigo me utilizei de pesquisas de autores como Tassinari (2003), Capiberibe (2007) Gallois; Grupioni (2003), Vidal (2009), atas da comunidade da aldeia Kunanã, Plano de Vida dos Povos Indígenas do Oiapoque, e principalmente de entrevistas com ex moradores, moradores ou os descendentes dos primeiros moradores da aldeia Kunanã e de Ponta dos índios.

Este artigo ressalta a vida social e cultural do povo indígena da aldeia Kunanã que continuam se desenvolvendo com mecanismos próprios, e vem ampliando mais suas redes de relações com povos das sociedades envolventes, este trabalho nos faz lembrar as lutas e conquistas do povo da aldeia.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a historia da Terra Indígena Juminã, da aldeia Kunanã, para que ela não se perca no decorrer dos anos e também contribuir com a escola servindo como material de pesquisa, e para que outros povos tenham conhecimento da trajetória de vida deste pequeno grupo e conhece suas origens.

Para o desenvolvimento deste trabalho dividi em três itens, no primeiro faço um breve histórico dos povos indígenas do estado do Amapá e norte do Pará, para mostrar a

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado como exigência para a obtenção da graduação em Licenciatura Indígena – Habilitação em Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Amapá, orientado pela professora Mestre Meire Adriana da Silva

<sup>2</sup> Karipuna, professora da Escola Gabriel dos Anjos, Aluna do Curso de Licenciatura Indígena – Habilitação em Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Amapá

localização, etnia, língua, população, modo de vida, cosmologia, território e a organização social dos povos indígenas existente no estado.

No segundo item escrevo com exclusividade sobre Karipuna da região de Oiapoque mostrando seu panorama lingüístico, origem, localização e população. A terceira parte contém um breve histórico dos Karipuna da aldeia Kunanã - Terra indígena Juminã. Por ser uma aldeia pequena tem pouco registro, tudo que escrevi foi feito através de entrevistas e relatos de pessoas que viveram naquelas localidades e também por descendentes destas pessoas, onde escrevo sobre a origem da aldeia, e a história contemporânea da aldeia incluída neste texto a origem, línguas, localização, atividades econômicas, organização social, cosmologia, e conhecimentos tradicionais, território saúde e educação, para que a história dos Karipuna do Juminã nunca mais caia em esquecimento por parte de seu próprio povo.

## **BREVE HISTÓRICO DOS POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ E NORTE DO PARÁ**

Autores como Tassinari (2003), Capiberibe (2007) Gallois; Grupioni (2003), Vidal (2009) apresentam alguns dados dos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará, conforme as pesquisa destes autores o Estado do Amapá foi o primeiro estado brasileiro a ter todas as suas Terras Indígenas demarcadas e homologadas.

Na faixa de terras que se estende do estado do Amapá ao norte do Pará há 8 Terras Indígenas demarcadas, sendo 7 homologadas, onde se distribuem, atualmente 10 grupos indígenas.

No Norte do estado do Amapá estão localizadas as seguintes etnias e terras indígenas: Galibi Marworno: habitam as Terras Indígenas Uaçá; Palikur: habitam as margens do rio Urukauá afluente do Uaçá Terra Indígenas Uaçá; Karipuna: habitam a Terra Indígena Uaçá, e T.I Juminã e T.I Galibi do Oiapoque, Galibi Kalinã: Terra Indígena Galibi de Oiapoque. Ao Noroeste do estado do Amapá os Wajãpi habitam as Terras Indígenas, Wajãpi.

Ao Norte do estado do Pará estão localizados os Aparai e Wayana, que habitam a terra Indígena Parque do Tumucumaque e a Terra Indígena Rio Paru d' Leste. E os Tiriyo e Katxuyana: habitam na faixa ocidental da Terra Indígena Parque do Tumucumaque ao longo dos rios Paru de Oeste e Cuxaré. No alto Rio Jarí habita os Zo'é na região entre os rios trepecuru e cuminapanema. Essa terra foi demarcada em 2001 e está aguardando homologação.

Os relatos escritos por viajantes do século XVII descrevem estes povos com imenso contato, entre várias etnias e outros povos não indígenas e de outras culturas. Cada grupo de indígenas tem uma história de contato diferente, que migraram em diferentes épocas.

Os relatos evidenciam que todos esses grupos estavam envolvidos em processo migratório, seja em processo de fusão, guerras ou alianças, com grupos de povos diferentes. Portanto hoje mesmo sendo indígenas da mesma etnia temos tradições, costumes modo de falar e pronúncias diferentes por ter tido contato com povo de costumes diferentes ou de outros países como a Guiana Francesa.

Em relação às línguas faladas pelos povos do Amapá e Norte do Pará, há registros das seguintes famílias linguísticas: aruaque, caribe e tupi além de grupos falantes da língua crioula. Os falantes da língua da família aruaque são: Palikur; falantes da língua da família caribe: Aparai, Galibi do Oiapoque, Katxuyana, Tiriyo e Wayana; falantes da língua da família tupi: Wajãpi e Zo'é e os falantes da língua da família crioulas: Karipuna e Galibi Marworno.

Segundo Gallois (2003) na maior parte da região até a década de 60 as atividades estavam integradas a um sistema de agricultura móvel e a partir dos anos 60 essas atividades tornaram-se mais sedentarizadas em decorrência da fixação e centralização dos locais de moradia. Mas posso perceber que na região de Oiapoque a agricultura sempre foi sedentária tanto que temos aldeias com séculos de existências, só que antes as roças eram menores, por falta de materiais para o preparo da mesma, como motosserra, machado e terçado, nos dias de hoje as facilidades são maiores, para os agricultores. E uma das principais causas da diminuição da população nas aldeias era a falta de estudos para os filhos destas pessoas, mas com a implantação de escolas nas aldeias podemos observar que elas desenvolveram bastante, não só em números de

pessoas mais também, na estrutura da aldeia e na vida social destes povos que aqui vivem.

O Amapá, como já foi mencionado foi o primeiro estado a ter as terras indígenas todas demarcadas e homologadas, o desafio agora é garantir a qualidade de vida que esses povos desejam, de acordo com os seus próprios meios culturais. Na trajetória desses povos, que se relacionam com as sociedades não indígenas que estão sempre em constante transformação, a autonomia reivindicada por esses povos vêm surgindo de sua crescente capacidade de dialogar e de posicionar-se perante vários, projetos de assistência, sem maior preocupação com a sustentabilidade adequada para estes povos.

A constituição de 1988 estabeleceu que os índios têm direito a formas próprias de organização e representação. O surgimento de inúmeras associações e organizações, nos últimos anos tem possibilitado não só uma maior visibilidade dos povos indígenas aponta para o fato de que estes povos estão buscando novas formas de se representar e se articular politicamente com os demais povos indígenas e não indígenas.

Sobre as organizações indígenas do Amapá, existem registros no Plano de Vida elaborado pelos Povos Indígenas do Oiapoque e assessorado por Lux Vidal. Este documento traz várias informações sobre a formação desse movimento político dos povos indígenas do Oiapoque, como veremos a seguir.

Na década de 1970, os quatro grupos indígenas de Oiapoque formaram um processo de organização política com a realização anual das assembleias, a grande vitória foi a homologação de todas as terras, e formaram várias associações, a APIO (Associação dos povos Indígenas de Oiapoque), OPIMO (Organização dos professores indígenas do município de Oiapoque), AMIM (Associação das mulheres indígenas em mutirão), AGM (Associação Galibi Marworno), e várias outras, foi criado um comitê gestor, com 12 membros indígenas e representantes do governo federal e estadual para acompanhar e controlar as ações dos três grandes projetos de infra-estrutura, desenvolvido na região para todos os indígenas do município de Oiapoque. Vidal (2009.p.14) A partir destas organizações foi um período de grandes avanços para estes povos que buscou em sua união se fortalecer perante as instituições para conseguir melhorias para seu grupo.

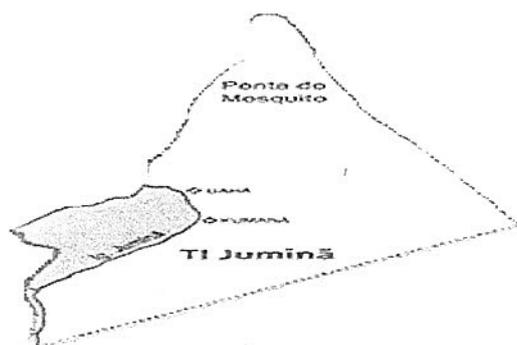


Nas terras indígenas Galibi, as margens direitas do rio Oiapoque os Karipuna dividem as terras com os Galibi Kali'na, com seus 6.889 ha, sendo apenas uma aldeia chamada Ariramba.

Nas terras indígenas Juminã as margens esquerda do igarapé do Juminã os Karipuna dividem as terras com os Galibi marworno, com seus 41.601 ha, sendo apenas uma aldeia, chamada Kunanã.

Os karipuna estão divididos em 16 aldeias, e na cidade de Oiapoque, no total de 3.225 pessoas. No curso do baixo do rio Curipi estão as aldeias, Açaizal, Santa Izabel, Espírito Santo, Taminã, Txipidon e Paxubal na parte alta do rio Curipi a margem esquerda em região de floresta situa se a aldeia Manga, e seguindo o rio acima a aldeia Japiim.

Na BR 156, estão distribuídas cinco aldeias, nos quilômetros 40 a aldeia Curipi no 50 Piquia, no 60 Kariá, 63 ahumã no 70 estrela. No afluente do baixo rio Oiapoque nas terras indígenas Galibi Kali'na a margem esquerda situa se a aldeia Ariramba. Seguindo o rio Oiapoque e adentrando em um igarapé (conforme mapa e foto abaixo) estão às terras indígenas Juminã, a margem esquerda situa se a aldeia Kunanã Igarapé que da acesso a Aldeia Kunanã. Foto Adilson



## BREVE HISTÓRICO CONTEMPORANEO DA ALDEIA KUNANÃ

A história das terras indígenas do Oiapoque está parcialmente registrada nos estudos de vários autores, principalmente antropólogos como Lux Vidal, Dominique e outros, no entanto as particularidades da aldeia Kunanã ainda não foram registradas da melhor forma. Cito abaixo algumas informações quanto a localização atual e número de moradores da aldeia Kunanã, que estão publicadas no Plano de Vida, nas atas de reuniões da comunidade e por meio de levantamento dados dessa aldeia feito por mim, como a contagem dos moradores.

A Aldeia Kunanã localizada nas terras indígenas Juminã com seus 41.601 ha situa-se a margem esquerda do igarapé do Juminã, um afluente do baixo rio Oiapoque com saída para os campos, uma região de várzeas savanas e florestas entrecortadas por igarapés e lagos.

Uma região rica em fauna e flora, e dois grupos indígenas compartilham esse ambiente, karipuna e Galibi Marworno, A aldeia Kunanã é uma aldeia considerada da etnia karipuna, mas existem grupos bem diferenciados, por ser constituído de diversas etnias como, Galibi Marworno, Palikur, e não indígenas falantes de três línguas, português, patuá e o crioulo da Guiana francesa, tendo o domínio maior do português, têm a agricultura como um meio de manter suas necessidades na alimentação, tendo uma plantação variada.



Preparação das roças na aldeia Kunanã, para o plantio de mandioca. Foto Sandra Vidal

O que mais se produz é a farinha, mais para o consumo próprio, do que para a venda. Sua economia gira em torno dos funcionários, aposentados, pensionistas, auxílios de salários, a aldeia é rica em frutas de diversas qualidades, sua alimentação e a base de caça, peixe e alimentos industrializados frangos, enlatados comprados na cidade. Atualmente possui 18 famílias com o total de 76 pessoas. Houve um crescimento maior nestes últimos 10 anos, devido ao ensino de 5ª a 8ª série do fundamental, e o número de empregos que surgiram, onde as pessoas poderiam sustentar suas famílias dando uma qualidade de vida melhor.

Em 1992 a terra indígena Juminã foi homologada, dando total segurança aos indígenas nela existentes podendo trabalhar na agricultura como meio de auto-sustentação, a pesca e a caça somente para alimentação.

Em 2008 foram realizadas oficinas de planejamento participativo do plano de vida, nestas oficinas discutiram problemas que as comunidades enfrentam, e foram propostos seis eixos temáticos, saúde, educação, produção nas atividades agrícolas, território, meio ambiente, cultura e movimento indígena.

## **PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO DA ALDEIA KUNANÃ**

A história indígena dos Povos do Amapá está registrada de forma breve. No entanto existe uma riqueza histórica muito abrangente e que ainda não foi registrada quanto à constituição de algumas aldeias do Amapá, entre elas a história da aldeia Kunanã, que tem vários descendentes que permanecem com a história dessa aldeia de forma muito viva em sua memória e também por meio de sua participação ativa no desenvolvimento da história dessa aldeia.

Por meio da memória de alguns entrevistados, como o senhor Barbosa (2010) percebe-se que a Vila de Ponta dos índios, por volta de 1895 era um local onde os negros e os índios cumpriam penas por resistirem às regras dos colonizadores. Os negros eram deportados, estes e os indígenas eram obrigados a fazer trabalhos quando faziam algo de errado e eram forçados a pagar à pena nos troncos acorrentados e apanhavam muito, eram castigados até a morte. Diz a lenda que a noite de lua cheia se

escutava pessoas andando arrastando correntes pelas ruas, mas se dizia que eram almas querendo justiça.

Os negros chegavam em navios e eram escolhidos os mais fortes para desembarcar e os outros eram deportados em várias ilhas do oceano para morrerem. Por volta de 1949 ainda existiam dois irmãos escravos, Turiba e Joaquina e um senhor chamado boliviano eles gostavam de tocar cantar e tocar músicas em um violino eram pessoas de cor bem escura.

Os negros e indígenas cavaram um poço na pedra para abastecer com água o pequeno vilarejo de Ponta dos Índios e um grande aterro com mais de 100 m de comprimento com uns 4 metros de largura em uma área de várzea ligando a terra firme, isso tudo manual.

Com base nas informações de Joaquina (2010) aproximadamente por volta de 1912, morava na área denominada Juminã, uma família de Karipuna, Gabriel dos anjos e sua esposa Kali e em 1920 chegou uma família de migrantes cabanos refugiados, onde seus descendentes permaneceram até 1940. Eram Vergílio Vidal paraense e sua esposa Caetana, índia Karipuna irmã de Gabriel. Gabriel e Kali tiveram apenas um filho José, que morreu com 30 anos de idade. Estas famílias foram os primeiros moradores do Juminã, conhecida hoje como terra indígena Juminã.

Gabriel dos Anjos fez uma casa em uma ponta de terra de nome Puêt Sinal, hoje aldeia Kunanã, convidou seus irmãos para morar perto dele, Vergílio Vidal e sua esposa Caetana e seus filhos Floriano, João, Joana, Dário Vidal, sua irmã Fancieta e o esposo Domingos e seus filhos Laurindo, Andrade, Neco, Venina e Luzia. Em 1940, seus filhos estudavam em um vilarejo chamado Ponta dos Índios, e eram atendidos também na área de saúde. Gabriel dos Anjos aparentava ter mais ou menos 70 anos de idade e adoeceu bastante, sem recursos veio a falecer por volta de 1946, vítima de uma hérnia.

Ha margem esquerda do Juminã também em aproximadamente 1924 chegou do estado do Pará dona Raimunda Batista, seu esposo e suas filhas Maria do Carmo, Ludmila e Esmeralda. Vieram em uma grande embarcação a vela, viram um terreno com um campo natural e nele fizeram uma criação de bovinos, ovinos e suínos, onde se tornou uma fazendeira respeitada por ajudar os indígenas com roupas, alimentos e remédios e os indígenas contribuíram com a mão de obra na fazenda. Suas filhas foram

estudar em Belém, onde também foi com elas Dário Vidal, sobrinho de Gabriel dos Anjos mandado por Eurico Fernandes chefe de posto indígena do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) desta área, Dário Vidal estudou no colégio Lauro Sodré, em 1938 a 1940.

Gabriel dos Anjos em 1944 já havia perdido sua esposa e seu filho, e seus irmãos havia o abandonado, sentindo-se só e doente convidou seu sobrinho Dário Vidal para morar com ele, pois Dário já havia casado e tinha filhos. Ele aceitou e passou a morar com o seu tio. Com a morte de Gabriel dos Anjos, Dário Vidal e sua esposa Maria Clara (foto abaixo) ambos indígenas da etnia karipuna com seus filhos, Manoel Ubiratã, Joaquina Vidal, Ubirajara Vidal passaram a morar e a trabalhar no local em que herdará de seu tio, onde tinha uma plantação de café, cuias, laranjas e limão no decorrer dos anos este pequeno lugar forneceu laranjas e limão para a pequena cidade de Oiapoque, era a localidade que tinha em abundância estes tipos de frutas, Com o passar dos anos o casal teve outros filhos Maria Clara esposa de Dário Vidal tornou-se uma excelente parteira e usava muito a medicina tradicional, e era muito requisitada pelas pessoas que moravam as margens do rio Oiapoque e na vila de Ponta dos Índios. E assim partejando salvando vidas com seus chás, banhos, defumações potás, ela era uma espécie de curandeira, Dário Vidal também tinha seus dons sendo o pajé da área Juminã.



Senhora Karipuna Maria Clara. Foto Adilson



Senhora Kariyuna Maria Clara e esposo, seu Dário, primeiros moradores da Aldeia Kunanã. Foto Sandra Vidal

Dário Vidal e Maria clara, fortes, por ser um casal muito conhecido, recebiam visitas diariamente sendo de pescadores, caçadores pessoas procurando por remédios ou para passar um final de semana. E por este motivo e por Maria clara ter nascido no Curipi e la todos os anos era realizada a festa do Divino, padroeiro daquela localidade, resolveram comemorar o dia de nossa senhora das Graças nos dias 7 a 8 e santa Luzia em 12 a 13 de dezembro (conforme foto baixo), como padroeira do Juminã. Era uma festa que ficou conhecida por todos os povos da região, os músicos eram três escravos, que vinham da pontas dos índios com violão e cavaquinho e cantavam a noite toda. Já por volta de 1970, as festas eram feitas com uma toca disco conhecida como eletro La.



Festa de Santa Luzia realizada na aldeia Kunanã em 13/12/2008. Foto Sandra Vidal

Por volta de 1960, outras famílias que moravam as margens do rio Oiapoque em Ponta dos Índios e outros vindos do rio Uaçá passaram a morar no Juminã. Nesse período uma família de Galibi Marworno se estabeleceu em uma ilha do lado direito do lago Juminã, onde os primeiros habitantes tinham abandonado deixando plantas como cajueiros e mangueiras. Era a família do senhor Amande Nunes e sua esposa Catarina Nunes e seus filhos, Luiza Nunes, Gregório, Lidia e outros que ficaram em Kumarumã e outros que nasceram na ponta dos índios como Roberto Nunes, e os que nasceram no Juminã como Emilio Nunes. Carlos Nunes, Jonas Nunes, Roseana Nunes, Gracinete Nunes, Afonso Nunes, Edelson Nunes, esta família vive até hoje neste local.

Luiza Nunes veio com seu esposo Julio Nunes e seus filhos, Lidia, Nezinha, nascido no Kumarumã, Roberto nascido em Ponta dos Índios, Emilio, Carlos, Jonas, Roseana, Afonso, Gracinete, Edelson e Maristela nasceram na ilha chamada de Uahá (tucumã). Gregoria Nunes também veio com seu esposo, tãgahá e seu filho Plácido, Nazaré e Atipá. E Gil Lauriano André e sua esposa Tereza Nunes sobrinho de dona Catarina. Todos chegaram neste período fizeram suas casas e roças e ajudaram dona Maria Clara na colheita de café e recebiam em troca o próprio café.

Por volta de 1960, Raimunda Batista veio a falecer e sua filha Maria do Carmo assumiu a fazenda, sendo que ela morava em Belém, deixando para cuidar da fazenda

seus sobrinhos Raimundo Batista e José Raimundo conhecido como (Zeca). Os indígenas trabalhavam para ela e em troca recebiam só a comida e sua relação com os indígenas não era muito boa, por eles acharem que ela queria aproveitar-se do trabalho deles. A escola, remédios, venda de farinha tudo era na Vila de Ponta dos Índios.

Em 1943 a 1945, sobre pressão de representante do governo, na época de Magalhães Barata, com objetivo de estabelecer um local de fiscalização do exercito, e a preocupação por parte do estado Brasileiro em nacionalizar este trecho da fronteira incluindo os indígenas, e também de usar os próprios índios para fiscalizar e povoar o local implantou-se escolas. Os indígenas eram obrigados a estudar e não estavam acostumados com tal rigidez da escola, e fugiam para o mato passando vários dias.

Eurico Fernandes e Inácio silva montavam armadilhas para pegar as crianças indígenas e trazer de volta, colocando comida em lugares estratégicos, eram severamente castigadas para que outras crianças não fizessem o mesmo. Nessa época também construíram igrejas, e um mini presídio substituindo o tronco de punição, mas o exercito resolveu colocar umas cabeças de búfalos. E isso causou um descontentamento nas famílias que sobreviviam da roça, e os búfalos invadiam destruindo tudo e não foi possível o povoamento.

As famílias se deslocaram para outras localidades, hoje conhecida como Oiapoque e para outros pequenos lugares. No período de 1940 a 1950 Juminã era um local bastante conhecido por ser um lugar farto, tanto de peixe como de caça e frutos silvestres, como açaí, bacaba, todos os ribeirinhos e principalmente os moradores de Ponta dos Índios, vinham pescar e caçar no Juminã. A pesca era feita por malhadeira e tarrafas e na caça era utilizado o arpão, zagaias e espingardas. Juminã foi um local muito explorado, por pessoas em que sobre viviam da venda de pele de animais, como jacaré e onça para se comercializado.

Em 1938, o SPI através de um projeto do encarregado local, Eurico Fernandes, pretendia implantar um posto de assistência aos índios, isso não aconteceu. Ponta dos Índios era governada por capitães, cargo imposto pelo exercito aos seus representantes. Os indígenas não aceitavam ser governado por um líder que só queria seus trabalhos, o exército pretendia que os moradores cuidassem dos búfalos, mas as pessoas preferiam cuidar de suas roças, deixaram o local e vieram morar no Juminã e outros as margens do rio Oiapoque. (BARBOSA, 2010; RICARDO, 1983).

Por volta de 1960 a 1970, Juminã tinha três famílias conhecidas, a de seu Dario Vidal e Maria clara Forte que residiam em Puê Sinal, hoje Kunanã. E dona Catarina Nunes e sua família, que residiam na ilha, atual Uahá e a fazendeira Maria do Carmo Batista.

Tanto os filhos da família Vidal como a Nunes, seus filhos e netos precisavam de estudos, a escola mais perto ficava em um vilarejo chamado Taparabú, um local onde todos os filhos de ribeirinhos estudavam, os professores vinham de Macapá, na época eles vinham de barco passavam quatro dias para chegar, todo ano vinha um professor diferente.

Joaquina Vidal, filha de Dario Vidal, casada com Jose Raimundo filho adotivo da fazendeira Maria do Carmo, construíram uma casa na vila de Taparabú, para que seus filhos e irmãos pudessem estudar, durante uma semana Joaquina tomava conta das crianças na outra sua mãe Maria clara fazia o mesmo, e assim deixavam suas casas, criações e plantas quase em completo abandono e assim passaram vários anos.

As famílias de Galibi Marworno por falta de condições deixavam seus filhos na casa de amigos, para que elas pudessem estudar, mas as crianças por terem dificuldade de falarem o português sofriam discriminação e isso não foi bom para as crianças, os professores castigavam se eles falassem a própria língua.

Os filhos de Dario e de sua filha Joaquina, onde eu era uma das crianças na época, não tivemos estes problemas de sermos proibidos de falar a língua indígena, pois não éramos considerados indígenas e não falávamos as línguas indígenas. E meu avô Dario não gostava que a minha avó ou outras pessoas falassem o patuá com a gente e foi por uma destas razões, que ate os meus quinze anos eu não tinha conhecimento da minha origem e um dos motivos foi o meu deslocamento para a cidade grande, Belém do Para onde concluir o ensino fundamental. Com o meu retorno soube quem eu era realmente.

(BARBOSA 2010) Neste período os índios do Juminã, tanto na questão da terra, como na assistência a saúde e quanto a escola, nós éramos totalmente ignorados pela FUNAI. Na época do SPI, os índios do Juminã tiveram alguns contatos com os funcionários, Eurico Fernandes, Djalma sfari, mais nem um programa de assistência foi implantado. Somente a prefeitura dava apoio, escolheu um morador da vila de Taparabú e deu treinamento para que atendesse na área da saúde os ribeirinhos e os índios do

Juminã, o senhor Marcos Maciel não era índio mais era casado com uma índia Galibi da aldeia laranjal, hoje Uahá. Após alguns anos passou a morar no Juminã (RICARDO, 1983)

Em 1975 os índios do Juminã, tiveram a visita de um supervisor do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) o professor, Fabiano e a diretora e professora Lucimar e foi implantado o ensino para adultos no período da noite, onde Joaquina Vidal por ter terminado a 4ª série do 1º grau em Belém, assumiu como professora do Mobral, e recebeu livros cadeiras, quadro, giz e lampião a gás para trabalhar.

Joaquina dava aula na casa de dona Luiza na ilha do Laranjal a noite, e depois por falta de espaço utilizou o casarão da fazenda em uma ante sala da casa por ser casada com o filho de criação da fazendeira. Morava na fazenda onde dividia seu tempo com a roça e a escola, e seus filhos, onde seus alunos eram indígenas e na maioria Galibi Marworno, e recebia uma pequena ajuda por ano pelo seu trabalho prestado (VIDAL, 2010; RAIMUNDO, 2010).

Em 11 de novembro de 1981 chegou um missionário chamado Silvio Gomes de Camargo e sua esposa Olinda, sua filha Suzana, eles se instalaram na aldeia dos Galibi Marworno, na época chamada de Laranjal, atual Uahá. Construiu uma pequena casa feita de palha, por achar que os Galibi precisavam mais de ajuda tanto na área da saúde como da educação.

O missionário viu as dificuldades das comunidades junto com seu Dario um dos mais velhos da comunidade Puê Sinal, e enviou vários documentos para o governo do território do Amapá e a prefeitura do Oiapoque.

Ate o ano de 1981, os índios do Juminã estavam esquecidos pelas autoridades governamentais, as crianças cresciam sem qualquer ensino e sem assistência á saúde. Em 1982 o prefeito Municipal de Oiapoque o Dr. Azarias Francisco da costa neto fez uma visita e viu de perto a necessidade das comunidades Juminã. Com isso vieram às mudanças e o governo do território do Amapá implantou uma escola no Juminã, onde o missionário era o professor, as crianças que estudavam na vila de Taparabú vieram transferidas para a nova escola, isso foi muito bom para as famílias.

O CIMI (Conselho Indigenista Missionário) também passou a dar apoio aos índios do Juminã, através do seu representante, PE. Nello Ruffaldi que havia visitado o local três vezes, e no mesmo ano implantou uma cooperativa através de contribuição dos índios e de uma verba do CIMI para comprar mercadoria.

A situação dos índios do Juminã passou a melhorar, a escola funcionava pela manhã na casa da cooperativa construída na ilha do Laranjal (Uahá), pois a prefeitura não tinha construído a escola, as crianças e os pais não estavam acostumados com as regras da escola e eles levavam seus filhos para a roça para pescar e para viagens a cidade que era longa e levavam semanas para voltar por irem de canoa a remo. A escola passou a funcionar no mês de Junho de 1982, com 15 alunos das etnias Galibi Marworno e Karipuna, houveram varias reuniões com os pais dos alunos.

O PE. Nello Ruffaldi nas suas visitas reunia os índios durante as celebrações, onde eram discutidos os problemas da comunidade (RICARDO, 1983). O missionário Silvio Gomes mudou com sua família para Puêt Sinal (Kunanã) onde morava seu Dario, por ser uma ponta de terra grande e poderia plantar, com água potável, porque no Laranjal (Uahá) não tinha espaço para plantar e nem água potável, as pessoas do Laranjal vinham buscar água em puêt Sinal para tomar.

Com a implantação da escola no Laranjal a fazendeira Maria do Carmo não gostou nada da idéia por achar que aquelas terras lhe pertenciam e não queria a escola no local e pediu que os indígenas se retirassem de suas terras e houve revolta por parte dos indígenas que ali moravam e procuraram as autoridades para resolver seus problemas.

Houve divergência também nos dois grupos indígenas os Karipuna liderados pelo seu Dario, achavam que a escola deveria ser construída em Puêt Sinal (Kunanã) onde tinha água potável e poderia cavar fossa e o professor e missionário já morava em puêt sinal, os Galibi queriam que a escola permanecesse no laranjal. Em meio a tudo isso a escola ficou para ser construída em Puêt Sinal (Kunanã) na aldeia de seu Dario, líder Karipuna mais respeitado e mais velho do Juminã.

O prefeito Azaria estava animado com a construção da nova escola e doou 60 telhas de brasilite, pregos e vinte mil cruzeiros para a comunidade tirar madeira, no final deste mesmo ano ele sofreu um acidente e veio a falecer, veio a substituí-lo o Dr. Antonio Braga Chucre, o qual não tinha interesse algum em ajudar. (LIVRO ATA DA COMUNIDADE)

A própria comunidade se dispôs a levantar a escola, Dona Maria Bezerra doou as tabuas do assoalho. Os índios do Juminã passaram a ter existência para as autoridades e com ajuda do PE. Nello Ruffaldi eles começaram a participar de reuniões com os indígenas do Uaçá e curipi e passaram a se organizar. No final de 1984 tiveram a visita de uma antropóloga e da FUNAI em companhia do então chefe da Ajudância de

Oiapoque Sr Frederico de Miranda, os quais fizeram estudo para avaliação e delimitação das terras, viram a necessidade para uma demarcação, por haver vestígio de material arqueológico pertencentes às indígenas que viveram naquele local no passado.

E os filhos de seu Dario que constantemente permanecia em outras localidades, como o filho mais velho Manoel Ubiratã (Bira), que estava em Kumarumã, trabalhando com seu sogro fazendo canoa, mas mesmo assim tinha sua casa perto de seu pai. Joaquina que morava na fazenda também veio construir sua casa perto de seu pai, para ajudar na demarcação das terras e para que seus filhos pudessem estudar, os filhos mais novos de seu Dario foram casando e a pequena localidade foi se multiplicando. (BARBOSA 2010, LIVRO ATA DA COMUNIDADE)

Em 1983 a 1984 seu Dario como cacique de Puêt Sinal tendo Silvio Gomes como a segunda pessoa responsável para ajudá-lo na administração, e José Raimundo seu genro como representante da prefeitura na comunidade, buscavam ajuda e ganharam um motor de popa com 14 cavalo Johnson e uma voadeira de 6/40 metros doada pela da FUNAI Oiapoque.

E os índios do Juminã<sup>3</sup> continuavam em busca de mais ajuda, o missionário Silvio Gomes conseguiu duas professoras da missão para trabalhar na escola, sendo elas Varti de Sena e Clarisse Maria C. Rezende. Tudo isso funcionava na ilha do tucumã (Uahá) as duas precisaram se ausentar por problemas de saúde, vindo a substituí-las em Março de 1985 mais duas missionárias, Marinalda Paixão dos Santos e Maria Amélia Maximo de Carvalho.

Neste mesmo ano o prefeito de Oiapoque, tenente Jose Onotonio de Almeida, fez uma doação de todo o material da nova escola, e foi decidido que a nova escola seria construída na montanha de Kunanã, a secretaria já havia doado vários materiais para a escola.

O povo do Kunanã ficou muito alegre por ter conseguido que a escola fosse construída em sua localidade, se empenharam muito no trabalho da construção da nova escola, e no dia 17 de Fevereiro de 1986 iniciaram as aulas na escola de 1º grau Juminã, assim era o nome da escola nova, uma conquista para os índios do Juminã e principalmente para o povo do Kunanã. (LIVRO ATA DA COMUNIDADE). Segundo os registros das atas, 1986 foi um ano positivo para os índios do Juminã.

---

<sup>3</sup> A expressão "índios do Juminã" refere-se aos grupos indígenas que viviam em Puêt Sinal (Kunanã) e Uahá.

Como 1986 foi um ano político, Juminã foi muito privilegiado contendo 26 eleitores, foi muito procurado pelas autoridades.

Com a eleição do Sr. Francisco Milton Rodrigues, primeiro prefeito eleito por voto direto no Oiapoque, as coisas passaram a melhorar, pediu que a comunidade fizesse um documento com as dificuldades e colocassem as prioridades e assim foi feito.

A primeira coisa a ser feita foi a limpeza do igarapé, principal via de acesso que liga rio Oiapoque a terra indígena Juminã, e doou uma motosserra para a limpeza do mesmo, combustível, alimento e também a motosserra para a retirada de poste para colocar energia elétrica na montanha de Kunanã e também para limpeza das roças. Kunanã foi o nome escolhido para poder constar em documentos enviados e não mais Puê Sinal.

A comunidade se empenhou em tirar os postes, o prefeito mandou a madeira para fazer a casa do gerador, os membros da comunidade foram até a cidade para buscar o gerador no dia 24 de Maio de 1986. A senhora Maria Bezerra primeira dama do município de Oiapoque, chegou com o eletricitista e foi feita a instalação elétrica e pela primeira vez houve luz elétrica no Kunanã parecia um sonho para todos nós.

E para completar o prefeito mandou para a comunidade um televisor colorido de 29 polegadas, com parabólica, para o povo saber as notícias do mundo afora, e um aparelho de som com duas caixas para tocar na festa da padroeira da comunidade, Santa Luzia e dois liquidificadores um para a escola outro para a comunidade.

A escola ganhou tudo para seu funcionamento, o prefeito contratou merendeira, o missionário ficou como enfermeiro para atender as duas aldeias, ganhou todos os materiais necessários para desenvolver seu trabalho na área de saúde. Jose Raimundo (Zeca) continuou como representante pela prefeitura e no final de 1987 Kunanã ganhou um motor de popa 15 cavalo Johnson e uma obá (canoa grande) de madeira de 12 metros para escoamento dos produtos agrícolas das duas comunidades.

No ano de 1990, Kunanã recebeu a visita de uma comitiva da FUNAI, liderada pelo senhor Dinarte Medeiro, (4ª SUER) Belém, que verificou a possibilidade de demarcar a área e se comprometeu a encaminhar o processo de demarcação ate Brasília, sua promessa não foi em vão. Pois no inicio de novembro do mesmo ano chegou uma equipe de topógrafo da FUNAI, para iniciar a demarcação da área, o Sr. José Aparecido Briner (SUAF/Brasília) Jaime Santos Brito (FUNAI/São Luiz) e Afonso Rocha (FUNAI/Belém).

A nossa comunidade por ser pequena não tínhamos pessoas suficientes para formar uma equipe de trabalho para ajudar na demarcação. Por isso foi solicitado ajuda

às outras comunidades Karipuna, Galibi as quais atenderam prontamente, enviando seus guerreiros<sup>4</sup>, tivemos todo o apoio da FUNAI local, que não só providenciou tudo o necessário, como também enviou alguns de seus servidores para acompanhar o trabalho, tudo estava indo bem. Até que em 22/11/90 o trabalho teve que ser paralisado, por motivos de fortes chuvas na região, impossibilitando o trabalho.

No dia 18 de outubro de 1991 chegou novamente os técnicos que deveriam dar início ao trabalho da demarcação que tinha sido paralisado, o Sr Orisson Leite Ramalho (SUAFF/Brasília) Antonio Abraão de Oliveira (FUNAI/Belém) e FUNAI Oiapoque Mario Karipuna, Haroldo (Karipuna) e Reginaldo, vieram prontos para levar o trabalho até o final.

Novamente foi solicitado ajuda das outras comunidades indígenas inclusive a dos Palikur que enviaram 12 de seus fortes guerreiros<sup>5</sup>. Juminã por se tratar de uma área pantanosa a demarcação não foi fácil, devido aos imensos atoleiros e perigo de insetos peçonhentos, por duas vezes quase paralisavam os trabalhos.

Em 05 de Novembro de 1991, os técnicos deram por encerrado o trabalho de demarcação das terras indígenas Juminã. E em 1992 o povo do Juminã teve motivo de muita felicidade, pois receberam o documento com a homologação das terras com seus 41.601 há, que tem seus limites a partir do marco zero (aldeia Kunanã) em direção ao norte, seguindo o igarapé Juminã até o rio Oiapoque seguindo este em direção a sua foz até o rio Uaçá. Na direção sudoeste segue em linha reta até encontrar o igarapé do Taparabú, seguindo este em direção a sua nascente até encontra a área indígena Uaçá. Temos assim uma área muito importante para nossa sobrevivência por ser rica em casa e pesca e de grande valor ecológico.

Juminã continuou tentando se organizar, nos dias 5/8 de Janeiro de 1992 foi realizado a assembléia de avaliação dos povos indígenas na aldeia Kunanã e foi feitas varias reivindicações para o povo do Juminã. E no final de 1992 veio o resultado da assembléia com a homologação das terras como já foi citada acima. Nesse mesmo ano foi feita a contratação para a escola de uma monitora bilíngüe, Selma Vidal da Silva e em 1993 ela entregou o cargo para Edna Nunes houve a contratação de um agente de saúde para a aldeia Kunanã para atender as duas aldeias. Um indígena da própria

---

<sup>4</sup>Optei por manter o mesmo termo utilizado nas atas.

<sup>5</sup> Optei por usar a mesma denominação utilizada nas atas.

comunidade Jose Ubiraci Vidal recebeu treinamento para exercer o cargo de agente de saúde.

Eu Fátima Vidal voltei a trabalhar na minha aldeia como professora da 3ª serie sendo já ter trabalhado em 1988 no ensino do supletivo na escola da minha aldeia, e em 1991 na escola da aldeia Ariramba e em 1992 na escola da aldeia Uahá, por falta de vaga na escola da minha aldeia fui trabalhar nestas aldeias, por pressão da comunidade voltei para minha aldeia, onde continuo como professora ate hoje.

Em 06 de Maio de 1994 faleceu o missionário Silvio Gomes de Camargo e sua esposa Olinda F de Camargo, o povo do Juminã ficou muito triste por ter perdido uma pessoa que contribuiu com tudo de bom que aconteceu para a comunidade e as pequenas localidades também ficaram tristes por conhecer seu trabalho de ajudar as comunidades carentes, pregando a palavra de Deus e não religião, como ele costumava falar a todos.

Antes de acontecer tudo isso praticamente ele preparou a todos comunicando sua saída da aldeia Kunanã porque sua missão havia terminado, e que ia morar na cidade onde participou de um concurso federal para trabalhar no Fórum, onde passou em 1º lugar no concurso, e trabalhando no Fórum ele seria mais útil para o povo.

Mas o destino tinha traçado seu caminho, em uma viagem para Kumarumã indo para comemorar o dia das mães o missionário Silvio e sua esposa Olinda junto com outro pastor Carlos da igreja batista e mais três professores entre eles uma professora também missionária que trabalhava na nossa aldeia, estavam em uma voadeira sub carregada de mercadorias e pessoas, com o mar bem agitado vieram a naufragar entre o canal do Anahí e a ponta do Mosquito vindo a óbito o missionário Silvio Gomes e sua esposa Olinda Camargo e a missionária Marilene Miguel conhecida como (Shalom). Foi muito difícil para todos nós esta perda, mas como ele havia dito antes para nós, que já sabíamos andar com as nossas próprias pernas, ele tinha razão sobre isso, continuamos a caminhar.

O senhor Dario Vidal continuou a administrar sua aldeia junto com sua filha Joaquina Vidal e seu genro José Raimundo (Zeca), enviavam documentos para as autoridades e participavam de assembléias em buscas de melhorias. Infelizmente a aldeia sofreu mais uma perda, a do nosso agente de saúde José Ubiraci, que veio a falecer no ano de 1996, vítima de um câncer. Uma pessoa muito querida por todos nós.

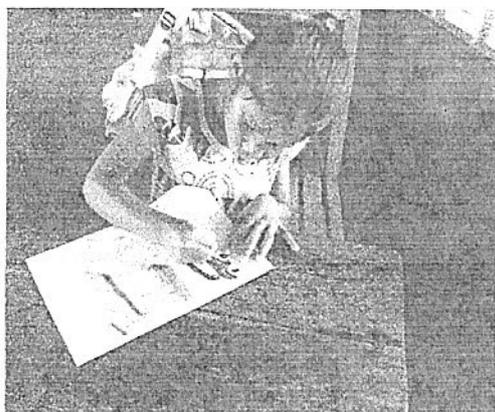
Mas nós tínhamos que continuar, em 1997 na aldeia Kunanã ganhamos o sistema de abastecimento de água uma caixa com 5.000 mil litros de água, banheiros com fossas bem vedadas. Não foram materiais da melhor qualidade, usados na construção dos

banheiros e na encanação, mas ajudou bastante na comunidade o povo agora podia lavar roupa em casa e beber água bem tratada e o melhor sem precisar ir tirar do poço ou carregar. Os banheiros foram muito importantes porque contribuíram para a higiene da comunidade sem exalar cheiro pela rua substituindo os sanitários cavados a céu aberto, tudo isso foi uma conquista para nós

Em 1998 Dona Joaquina Vidal, filha do cacique Dario, sendo merendeira antes contratada pela prefeitura, nesta data já uma funcionaria federal seus filhos precisavam cursar o ensino fundamental, por que na aldeia só tinha ate a 4ª série, por isso precisou deixar seu pai para ir à busca de estudo para alguns de seus filhos. A partir desse momento mudou-se para a cidade de Oiapoque. Desta forma, fico somente seu pai, Dario para administrar a aldeia.

O senhor Dario Vidal cacique da aldeia em 1999, já com 80 anos, estava muito doente e passou seu cargo para seu filho José Biraci Vidal, que já era substituto de seu irmão como agente de saúde, pois este havia falecido. Mas José Biraci Vidal teve que se afastar por motivos de doença. Desta forma, a comunidade escolheu outro cacique, só que desta vez uma mulher, a neta de seu Dario, eu Fátima Vidal Barbosa assumi o cargo em Janeiro de 2000, e como vice cacique o senhor Manoel Ubiratã Vidal, o filho mais velho do senhor Dario, meu avô.

Neste período, já estava em construção uma nova escola, que iria funcionar de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª serie do ensino fundamental e no mês de Março de 2000, iniciamos o ano letivo com uma turma de 5ª serie de o sistema modular de ensino, com uma turma de 20 alunos, sendo que as maiorias dos jovens já tinham saído da aldeia para estudar na cidade de Oiapoque.





Alunos do pré-escolar até a 8ª série da Escola Indígena Estadual Gabriel dos Anjos

Fotos: Fátima Vidal e Adilson

A partir da implantação da 5ª série a escola passou a ser denominada de E.E Gabriel dos Anjos, em homenagem ao fundador da aldeia. Outras famílias se mudaram para Kunanã, até famílias não indígenas, a aldeia cresceu bastante, as pessoas viviam de roças e de frutas a produção de farinha era muito grande, e por isso conseguiram uma voadeira de 10 metros, doada pela prefeitura de Oiapoque e um motor de 25 cavalos Yamaha doado pela APIO (Associação dos povos indígenas de Oiapoque), para ajudar no escoamento dos produtos com mais rapidez, por ser um lugar distante. E também uma voadeira de 10 metros doada pela APIO, e um gerador novo, também fizeram a manutenção da rede elétrica e da encanação.

Também foi doado pela associação, um motor 15 cavalos e uma voadeira para atendimento de saúde. Eu, por ser cacique, diretora da escola e professora e também fazia parte do movimento indígena e com isso acumulava muito trabalho.

Em 2000 a 2002 tivemos avanços, tanto na área da saúde como na educação, através do movimento indígena e das articulações internas conseguimos aposentadoria para as pessoas mais idosas, uma pequena ajuda para as parteiras tradicionais e para portadores de necessidades especiais. Com as articulações nós professores indígenas e da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), FUNAI Oiapoque, FUNAI Macapá e o NEI (Núcleo de Educação Indígena-AP) e outras instituições, formamos um grupo, e montamos o GT grupo de trabalho com objetivo de conseguir o ensino superior indígena. Com tanto trabalho eu tive que optar, pela educação ou por administrar a comunidade, onde eu tinha que ficar mais tempo.

E foi quando entreguei meu cargo de cacique, para o meu tio Manoel Ubiratã e ele continua até os dias atuais. E eu continuei no movimento e estudando para que um dia as aldeias tivessem professores indígenas para assumir todas as escolas indígenas.

Também tivemos uma perda neste período, a morte de meu avô, Dario, um líder, que lutou muito pelo seu povo, junto com outras lideranças indígenas. Tivemos mudanças, boas e ruins no decorrer de 2003 até os dias de hoje, muitas famílias foram embora para outras aldeias e para cidade de Oiapoque, para que seus filhos pudessem cursar o ensino médio.

Os jovens da aldeia Kunanã, que foram estudar na cidade de Oiapoque, estavam voltando para aldeia, uns com magistério, outros com o ensino médio completo. Em 2005 Pedro Nunes Vidal assumiu a direção da escola, éramos dois professores indígenas na escola. Com o concurso específico do estado para professores indígenas em 2006 foram contratado mais dois professores, totalizando quatro professores indígenas, assumindo desde o pré- escolar até a 4ª série. Dos quatro, dois eram nascidos na aldeia e dois era da aldeia Santa Isabel, que passaram a morar na aldeia Kunanã após terem casado com Karipuna. Por eles terem residência fixa na aldeia não era necessário vir professores de outras localidades.

Com o vestibular específico para professores indígenas em 2007, passaram dois de nós, eu Fátima Vidal e Pedro Nunes e em 2009 conseguiram passar mais dois professores Artenisa dos santos e Relfison dos santos, Hoje todos nós somos professores concursados do estado e somos acadêmicos da UNIFAP e pretendemos assumir o ensino fundamental de 5ª a 8ª serie da escola hoje com o nome E.I.E Gabriel dos Anjos.

Na aldeia Kunanã a maioria de suas famílias são funcionárias públicas, ou recebe algum tipo de benefício, hoje a economia gira em torno dos funcionários, a farinha é mais feita para o consumo, as frutas continuam sendo vendidas em São Jorge na Guiana Francesa, e em Oiapoque. Recebemos pouca ajuda dos órgãos públicos, temos que comprar o que precisamos para trabalhar no beneficiamento da farinha, faz se coleta para concertar algum problema que acontecer com os motores. Apenas o óleo diesel do gerador de energia é doado pelo governo estadual.

Antes nós tínhamos ajuda para concertar motor de popa, ganhávamos material para o beneficiamento da farinha, como forno, motor para ralar mandioca, até mesmo a casa para fazer a farinha, hoje temos que comprar tudo isso.

A saúde sempre foi doente para os povos indígenas, mais atualmente ela esta cada vez pior, apenas o técnico de saúde esta na área, sem ajuda alguma, sem remédio para

medicar pacientes e sempre o posto de saúde esta sem combustível. O motor de popa da saúde usado para deslocamento de pacientes da aldeia para a cidade está quebrado, sem data marcada para o concerto do mesmo, o deslocamento é feito com o motor da comunidade.

Quanto a educação tivemos avanços como já foi citado acima, a escola nos trouxe logo no começo de sua existência, ou seja desde 1981 até 2000, mais ou menos a idéia de competição, temos que estudar se não seríamos burros e carregaríamos mandioca o resto de nossas vidas. Sabíamos antes qual era o papel da escola para os indígenas, que era inseri-los na educação nacional, com isso nós deixaríamos de ser índios. Eu acredito que a escola de hoje esta preparando o aluno melhor para a vida. Estudar é importante para temos um emprego, e também para defender os nossos direitos, e para saber quem somos e entender melhor a natureza, e defende-las de agressões causadas pelo próprio homem. E o melhor desta escola é que ela nos mostrou a importância da nossa cultura, porque sem cultura nos não existimos e começamos pela língua dos nossos antepassados, ou seja, o resgate cultural nos mostrou que somos pessoas importantes.

Hoje na nossa escola todos os professores são indígenas, inclusive o diretor, os alunos estão indo bem na escola. O que queremos hoje é implantar o ensino regular de 5ª a 8ª série, com professores indígenas, implantar o ensino médio para que os jovens não tenham que sair da aldeia em busca de estudo, pois muitos pais não tem condições de mandar seus filhos estudar na cidade, e também pelo cuidado que devemos de ter com os jovens.

Estamos na expectativa de ter uma escola com prédio novo bem estruturado, para atender as nossas crianças, que o prédio de nossa escola esta precisando com urgência de reforma. A secretaria de estado de educação afirma que e nossa escola já foi contemplada com reforma, mas continuamos aguardando

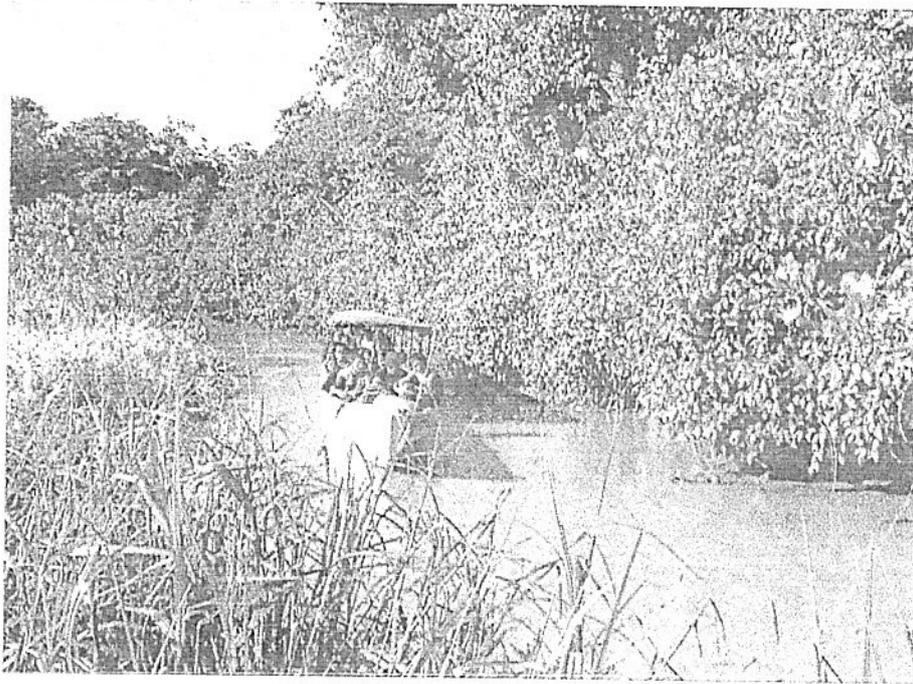
Quanta a religião tem duas, a católica e a protestante, estamos aprendendo a conviver cada um respeitando seus limites, mas quando trabalhamos com culturas as duas religiões se envolvem.

Quanto a vida social tudo que aconteceu foi muito bom, hoje nós não fãmos conseguir viver sem ter energia, porque temos frizer para conservar os nossos alimentos, gelar água, máquina de lavar roupa, televisão ,e água encanada. E sem motor de popa seria difícil ir ate a cidade. Por isso hoje nós temos uma qualidade de vida diferente do passado, nossos hábitos alimentares mudou um pouco, aquela caça fresquinha muita das

vezes é substituído por frango congelado e por enlatados, mas sempre tem aquele peixinho fresquinho.

Por isso pagamos um preço, poluímos o nosso lago imenso e lindo, que tinha todos os tipos de peixes, mas por jogar resto de lixo, resíduos, como sabão em pó, quiboa, óleo diesel foi sumindo do lago certos tipos de peixe e nasceram plantas que acabaram fechando o lago de tal forma que impede muita das vezes a passagem das embarcações. Todo ano tem que ter a limpeza do lago e do igarapé, nos os professores trabalhamos com a conscientização para não prejudicar muito o meio em que vivemos mais é um trabalho lento, temos que conscientizar de forma com que elas não fiquem chateadas e não se aborreçam por estarmos alertando em relação aos cuidados com o ambiente. Porque muitas das vezes as pessoas não gostam de ser chamada atenção por terem feito ações que prejudiquem o meio ambiente. Depois que as terras foram demarcadas todo ano e feito a limpeza dos limites, sempre os indígenas estão caçando na mata para evitar invasão de garimpeiros, caçadores e pescadores.

Juminã tem como lenda, uma cobra encantada que cresceu bastante e não podia mais sair do buraco para se alimentar, e já estava magra e fraca, resolveu sair, e abriu um imenso lago (foto abaixo) pela savana, e um igarapé pela mata por onde passava, saindo até o rio, e ela se alimentou, mas fez sua morada na entrada do igarapé, tomando conta do lindo lugar que se formou. Este lugar virou abrigo de vários animais e peixes, onde a cobra Juminã criou suas filhas que faziam a limpeza constantemente do lago, sem deixar sujar por plantas e barrancos, um lago de águas escuras e bem profundo no inverno e águas bem claras no verão, suas margens cercadas de buritizeiros. Ela sempre falava para um pajé que os indígenas que moravam a muitos anos naquele lugar sempre faziam oferenda a ela, jogavam caxixi na água para ela tomar e proteger o lago para não fechar, ela não permitia que mulheres menstruadas tomassem banho no lago. O senhor Dario como era pajé ele sempre falava que (O dia que as pessoas não respeitassem mais o lago sujando tomando banho menstruada ela fecharia o lago). E o nosso povo tem um trabalho imenso para que ele não venha a fechar. Esta e a lenda da área Juminã contada pelo meu avô Dario Vidal.



Lago do Juminã. Foto Sandra Vidal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aldeia Kunanã uma pequena aldeia Karipuna composta por grupos diversos, por volta de 1910 morava apenas uma família karipuna, por ser um lugar farto de peixe e caça era muito procurado por caçadores de animais como onça e jacaré, e logo foi procurado por pessoas com a intenção de morar. Essas pessoas foram constituindo família com indígenas que já residiam neste local, formando uma pequena vila. E no período de 1946, teve uma nova fase na sua constituição, habitando apenas uma família novamente de Karipuna, descendente da anterior conhecida até hoje como a família Vidal. Nestes últimos anos a aldeia passou por transformações, antes era uma aldeia com pouco conhecimento e pouca importância por parte das instituições. Ainda precisa ser feita muita coisa para seu desenvolvimento, mas conseguimos dar um bom passo, seja com ajuda de outras pessoas e ou instituições ou por nós mesmos moradores.

Com a chegada da tecnologia, houve muitas mudanças, boas e não muito boas. Como por exemplo, o hábito alimentar dos adultos e das crianças, no convívio social no trabalho, na saúde e na educação. Quanto a alimentação antes as pessoas caçavam, pescavam, quando chegavam repartiam a caça e o peixe com os vizinhos, tudo era muito natural, o peixe era pego na mesma hora e era preparado, agora compra se de tudo

ninguém reparte mais nada, congela os alimentos para durar vários dias, facilitando o trabalho, evitando estarem todo dia pescando. As crianças gostam muito de doces refrigerantes, salgadinhos, bolachas, tornando uma alimentação um tanto prejudicial para a saúde dos adultos e das crianças. Devido ao excesso de uso destes alimentos, nós os professores tentamos conscientizar os pais das crianças.

Quanto ao convívio, as pessoas antes conversavam entre si conheciam os problemas uns dos outros sem precisar ir a uma reunião da comunidade, aprendiam as lendas dos nossos povos. Nos dias atuais as pessoas estão mais dentro de sua casa vendo uma novela principalmente os jovens, ou assistindo a um filme. Quanto ao trabalho foi bom termos várias máquinas para tornar o trabalho menos cansativo e mais produtivo. Na saúde, mesmo que alguns aparelhos não estejam funcionando da melhor forma, mas ajudam. Após a entrada dos remédios farmacêuticos, muitos remédios da medicina tradicional não são mais utilizados.



Foto cedida por Adilson: técnico de saúde atendendo

Quanto à habitação, as casas eram feitas de madeira, muitas das vezes não tinham paredes para fazer as divisões, e certas vezes cercavam toda a casa pelo lado de fora deixando sem divisão alguma dentro, as refeições eram servidas em cima do próprio assoalho, todos sentavam no chão e faziam aquela roda para almoçar, as casas eram

sempre construídas perto de grandes árvores para evitar o calor intenso, e as noites eram bem frias.

Atualmente as casas são quase todas de alvenaria, com divisões dentro, e sempre que podem compram aparelhos domésticos necessários para o uso diário, as casas são construídas longe das árvores para evitar acidentes com ventos muito fortes devido os cortes das árvores feito para que a aldeia crescesse e para evitar doenças como, malária e outros tipos de doenças. Sendo assim as casas ficam mais expostas as altas temperaturas, precisando recorrer aos ventos artificiais dos ventiladores. Então podemos observar que não só os costumes das pessoas mudaram mais sim o meio ambiente também sofreu mudanças.

Na educação foi muito bom, ainda não temos uma escola que atenda as nossas expectativas, mais fazemos o possível para que nosso trabalho, seja de qualidade, para que as crianças saibam as suas origens, por isso compramos os nossos materiais de trabalho, como DVD, notebook. Se nos dias atuais entrevistarmos alguém da comunidade ela não lembra o passado com saudade, mas sim como uns passados sofridos, sem oportunidade, por isso fazem o possível para que seus filhos consigam o que eles não puderam ser. Com este artigo escrevo a historia, as lutas e as conquistas deste pequeno grupo, em especial dos Karipuna da aldeia Kunanã das terras indígenas do Juminã.

## REFERENCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES BIBLIOGRÁFICAS

TASSINARI, Imperatriz M. Antonella. **No bom da festa o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá.** São Paulo:Edusp.2003.

CAPIBERIBE, Artionka. **Batismo de fogo Os Palikur e o Cristianismo.** São Paulo: FAPESP; NUTI; ANNABLUME, 2007.

RICARDO, Carlos Alberto (Org.) **Povos Indígenas no Brasil.** São Paulo:CEDI. 1983.

Livro Ata das reuniões da comunidade de Kunanã.

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. **Plano de vida dos povos e organizações indígenas de Oiapoque**: APIO, 2009.

#### **FONTES ORAIS**

VIDAL, Joaquina. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 20/08/2010 na cidade de Oiapoque.

RAIMUNDO, José Calvacante. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 15/09/2010 na aldeia Kunanã.

BARBOSA, Moacir Nascimento. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 03/10/2010, na vila nova de Taparabú.

VIDAL, Sebastiana de Figueiredo. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 06/10/2010 na aldeia Kunanã.

BARBOSA, Odival de Brito. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 05/11/2010 na aldeia Kunanã.

VIDAL, Ubirajara de Figueiredo. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 10/11/2010 na aldeia Kunanã

VIDAL, Joaquina. Entrevista concedida a Fátima Vidal no dia 17/01/2011 na cidade de Oiapoque.